



O Gaiato



Quinzenário * 14 de Maio de 1983 * Ano XL — N.º 1022 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS do TEMPO

● Na sua terra, no Barlavento algarvio, ele era o terror. Não que tenha deixado de o ser completamente! Porém, é meigo e fez já uma apreciável evolução. Só que as suas possibilidades intelectuais são limitadíssimas, exceptuando a «inteligência» das aventuras, que nelas é um ás!

Está connosco porque não há mais onde estar; mas não deveria ser aqui o seu lugar. Os progressos conseguidos documentam, sim, a eficácia dos valores familiares, terapêutica

AGORA

Fomos visitar alguns Autoconstrutores nos arredores de Braga. Primeiro, uma mãe viúva que, aos poucos, vai erguendo a sua casinha num pequeno terreno que o marido lhe deixou. O filho mais novo acarretava areia. Outro filho montava uma porta. Ela estava cavando no quintal. A casa, por acabar, é tão modesta! Mas com que gosto e carinho ela a mostrou: «Aqui vai ser o meu quarto e de minha filha doente mental». Este «aqui» revelou-me a grandeza de alma desta mãe viúva! Aquele quarto será o santuário da família e pode ser um bom exemplo para tantas famílias que procuram pôr os seus doentes muito longe.

«Aqui, junto de mim, no meu próprio coração, ficará minha filha, doente mental.»

Deixámos uma ajuda do que tens mandado para o Património dos Pobres e Autoconstrução.

Visitámos mais seis. Todos felizes. Avançando aos poucos conforme o tempo e as ajudas que vão tendo.

A casa dum fica perto do Samedeiro e em cima dum penedo. Já lá vive — mesmo no chão de cimento e telha vã. «Agora vou acabando.»

Se todos os que querem construir tivessem pelo menos o terreno e a planta, Portugal seria maior e haveria mais alegria!

E, agora, «tiremos o chapéu» — vai passar a vossa precisão:

Cont. na 3.ª página

que vai recebendo no seio desta grande Família; mas as atenções não podem ser tais e tantas como a sua necessidade postularia.

O Tribunal interveio na sua vinda e deseja ser informado periodicamente. Respondeu-se que devem saber quem ele é; portanto de como são lentos e difíceis os seus pequeninos avanços, dos quais há pouco a dizer em breves espaços. Talvez em função desta resposta, nos chegou há dias uma convocação à Comarca local para uma observação médica do pequeno.

Fomos, na expectativa de um encontro com psiquiatra ou psicólogo que teria por objectivo o encaminhamento para pistas mais adequadas às deficiências do nosso rapaz. Esperámos duas longas horas que o inquieto moço, sofreu, galhardamente, sentadinho num banco até que souu a chamada da secretaria do 3.º Juízo onde iria decorrer o exame médico.

Pareceu que todo o mundo ignorava o que se pretendia. O médico não era psiquiatra nem psicólogo... nem comunicativo. Mal olhou o rapaz — apenas o suficiente para ver que era somaticamente perfeito. Perguntou se sofria de alguma doença infecto-contagiosa. Puxou da carteira, mostrou-lhe duas notas e constatou que ele as distinguia. (Sim, nisso é ele perito. E não só no conhecimento!...) Depois ditou qualquer coisa ao escrivão... E desapareceu. Nem cinco minutos se gastaram no exame após aquelas duas horas de espera!

Olhei os funcionários da secretaria e vi-lhes no rosto sinais de comprometimento. Não sei o que eles pensavam... Eu pensei que, ainda assim, neste brevíssimo processo, não era o nosso garoto o caso menos normal.

Que nos aconteceria se não acorrêssemos à convocação do Tribunal? Que se ganhou em termos ido?!

Assim se cumprem mandatos judiciais. Assim se brinca com esta coisa eminentemente séria que é um pequenino e perturbado cidadão da nossa pátria! Perturbado e perturbador!

● Não é todos os dias que alguém faz cem anos. Nem nunca me tinha sido dado par-

ticipar num tal acontecimento. Foi agora, a meio deste finado Abril. Em redor da mesa da sua modestíssima sala de jantar, quatro sacerdotes celebrámos com o Aniversariante o Banquete de acção de graças por uma vida tão longa e tão cheia de Graça.

Senhor Padre Farinha deu em Moçambique as primeiras dezenas de anos da sua vida apostólica. Conheci-o, era eu rapazito, na igreja dos Anjos onde prestava ajuda no ministério sacerdotal nas horas que lhe deixavam livres os Serviços Missionários no Ministério do Ultramar.

Passaram quarenta anos... Exceptuando a mobilidade, ele é ainda o homem que conheci: magro, de aspecto austero mas extremamente bondoso, de espírito vivo, inquietado pelos problemas dos homens. Nenhum de nós suspeitava, então, que a vida nos iria aproximar: na partilha do mesmo sacerdócio, o de Cristo; e no amor de uma Obra que também ele serve em oração e renúncias.

Em Moçambique foi contemporâneo de Pai Américo, mas creio que não se conheceram. Eram tão diferentes os seus caminhos!... Depois, não sei se

Cont. na 4.ª página

REFLECTINDO

Nesta altura somos visitados por muitos grupos de Escolas Primárias que fazem da nossa Obra um ponto do seu passeio anual. A maior parte das crianças, e alguns familiares, vêm e contactam com uma realidade nova. Ficam a saber que legiões de rapazes não têm família e é possível construir uma verdadeira família daqueles que não a têm.

A visita à nossa Aldeia é um valor positivo na formação das crianças, porque a memória guarda sempre recordações da infância. Tanto assim que recebemos, frequentemente, visitas de famílias cujos pais ou mães dizem ter vindo aqui há muitos anos, numa excursão da sua Escola ou Colégio, e voltam agora para que os seus próprios filhos nos conheçam. Pais que, para além de tudo o que dão a seus filhos, reconhecem a obrigação fundamental de lhes mostrar, ao vivo, a necessidade de se preocuparem com os Outros — com todos os Outros — de uma maneira especial com os mais necessitados.

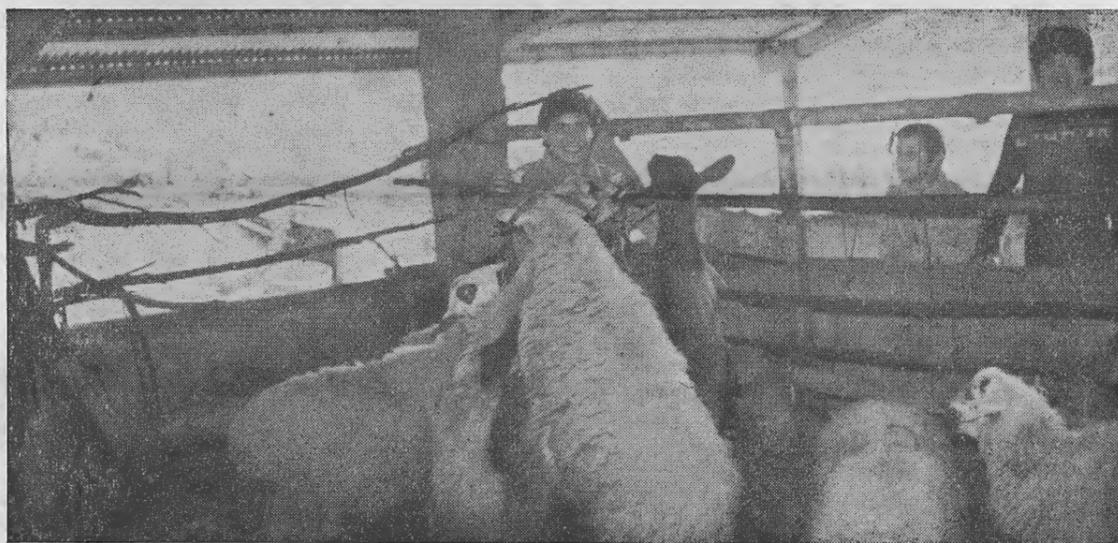
Num mundo como o nosso, tão carecido de amor, é extremamente necessário que os pais procurem educar os filhos despertando-os para a generosidade, fazendo contra corrente ao egoísmo que cada ser humano transporta dentro de si mesmo...

No Evangelho da Missa d'hoje lembrámos o Mandamento do Amor: «Amai-vos uns aos outros...» Porque os homens cumprem mal este Mandamento, a Terra está semeada de Pobres... abandonados, esquecidos! Realidade que é motivo de tanto mal estar humano...

No turbilhão da vida moderna, muitos pais afadigam-se para que, materialmente, nada falte a seus filhos. Mas importa não esquecer que a parte material é apenas um aspecto da sua responsabilidade como pais. A formação da consciência é, com certeza, outro aspecto que cabe nessa mesma responsabilidade. Os anos da infância — em que os filhos estão mais directamente dependentes e receptivos — devem ser olhados com especial cuidado...

Em suma: Vemos, com agrado, os pais trazerem os filhos à Casa do Gaiato, chamando-os à atenção para o que significa esta Família... dos sem-família. E o mesmo dizemos dos professores — de vários graus do Ensino — que, para além de ensinarem a ler e a escrever..., são (ou devem ser) preciosos colaboradores dos pais na formação global dos alunos.

Padre Abel



Os bois e as vacas, a égua e o potro... são o trabalho discreto do «Lourinho», em nossa Aldeia de Paço de Sousa. Ai está ele no redil, colhendo o afecto de cabras e cabritos, ovelhas e cordeiros — a mansidão — pelo franciscano amor que lhes dedica. É que «ninguém sonha o interesse que toma o pequenino pelo trabalho da Casa, quando sabe e sente que está em sua casa!» — afirma Pai Américo. «Esquece... Liberta-se... Sente-se filho. Trata pelo nome de pai os que o orientam. Aprende por si mesmo estes sentimentos delicados, na terra, nas plantas, nas flores, nos animais. «Eh, tanta coisa que a gente vê!» Que viam eles no beco, na viela, na taberna, na família!... E que olhos tinham eles para ver? Os olhos são a janela da alma. Dar à criança panoramas saudáveis é salvá-la».

Palas Casas do Galato

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Era um dia pesado: chuva, vento, trovoadas! Mas sabíamos que em certa moradia do Património dos Pobres viviam-se horas altas d'alegria. Fomos lá, com o coração nas mãos, receber a mensagem daqueles Pobres.

À volta dos dois novos locatários estava um grupo d'amigos: «Viemos inte aqui visitá-los porque eram nossos vizinhos. Somos amigos e queremos vir dizer que estamos com eles...»

Gesto d'amizade!

O melhor da festa, porém, sai do velho locatário que partilha a habitação com estes dois irmãos. Ele é um homem simples, analfabeto — trabalhador rural.

— V. está muito feliz!

— Muito feliz!... Para haver um Mundo Melhor temos de ser uns prós outros... Assim é q'ê: uns prós outros...!

Caimos suspensos pela afirmação deste homem simples! Como, naquele tempo, os conterrâneos de Jesus ao verem e ouvirem as maravilhosas transformações dos Seus discípulos; homens rudes que, pelo Espírito Santo, lançaram a Boa Nova pelo Mundo fora.

Este Pobre, que tomou a iniciativa de partilhar o seu bem com outros dois, tem motivo para fazer doutrina: apesar de analfabeto, compreende a Palavra do Senhor — desde que é lida e meditada, à mesa do altar, na língua de todos nós.

Era dia de festa naquela moradia que Pai Américo — e nós outros — trouxemos d'África, em 1952, para os Pobres de Portugal — confiada pelo Pessoal do Porto da Beira (Moçambique). Trinta anos depois, o generoso acto dos Trabalhadores dos guindastes, da estiva, da alfândega..., da Beira, continua a fazer Luz.

Tudo passa, tudo muda — só a Caridade permanece!

● Foi decidido, oficialmente, e já não é sem tempo!, «criar uma pensão de sobrevivência destinada a resolver o problema dos períodos de espera da atribuição de pensões aos cônjuges de funcionários públicos no activo. A pensão é atribuída face aos elementos biográficos comunicados pelo serviço».

Jamais escondemos a situação dramática de muitas famílias — de muitas Viúvas — por via dos grandes impasses, na medida em que andamos por lá, nos arraiais da miséria, e sabemos perfeitamente que um direito bloqueado gera gravíssimos problemas morais e sociais...

Como seria bom que o espírito do referido despacho fosse extensivo a toda a Segurança Social! O requerimento da Viúva mai-la certidão d'óbito do beneficiário seriam o aval para a remessa imediata da pensão de sobrevivência, ainda que a título provisório, enquanto a burocracia se entretivesse com a papelada e a recolha de dados...

● Já que bulimos neste campo, lembrem-se do soldado da paz que espera o subsídio de grande inválido requerido em 22/12/81 — em complemento da sua pensão de reforma? Por nossa intervenção directa só agora — pelo que nos informam — a Direcção Clínica considerou o beneficiário incapaz definitivamente para toda e qualquer profissão, necessitando da constante assistência de terceira pessoa, cujo parecer seguiu nesta data (18/4/83) para o CNP».

É um doente cardiovascular... Já poderia não existir... Quem dera, por isso, que, neste sector, também não houvesse impasses desta ordem! Até porque o subsídio é um pequeno alívio para tantos, tantos casos de extrema miséria!

PARTILHA — De visitante assídua, e por alma da mãe, 1.000\$00, Rua Oliveira Monteiro, Porto, «para a Viúva citada n'O GALATO de 16/4, uma gota insignificante para o oceano das suas necessidades»: mil, também. «Maria algarvia», idem. Outra vez idem, em discreto sobrescrito entregue no Espelho da Moda. O dobro de Fátima, cujo «dinheiro não é meu», pedindo «uma oração pelas intenções desta família». Assinante 10613 depositou no Espelho da Moda 1.000\$00. E um anónimo, 300\$00. Assinante 19177 não falha com «a migalhinha do costume»: 200\$00. Outra vez Porto, com a mesma quantia pela mão da assinante 8492. «Uma portuense qualquer» — tão assídua! — marca presença com 1.000\$00 «por ter tido um aumento de vencimento.» E, já no fim da procissão, uma Assinante de Paço de Arcos continua, há muitos anos, «com toda a amizade», a partilhar o seu vencimento com os Pobres. São almas grandes!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FUTEBOL — As tardes de sábado são ocupadas com jogos entre equipas que nos visitam e compartilham connosco a grande alegria do futebol. Defrontámos «Os Amigos» de S. Pedro da Cova, jogo bastante duro, mas não houve nada por aí além; o futebol é para homens e, por vezes, umas jogadas mais duras também servem para virilizar o espírito do atleta. Vencemos por 4-3.

Agradecemos aos amigos de S. Pedro da Cova, por nos terem ajudado a passar um pouco mais alegre aquele bocão de tempo livre.

QUEIMA DAS FITAS — No dia 2 de Maio, segunda-feira, um grupo de rapazes nossos — convidados pela Comissão da «Queima das Fitas» da Universidade do Porto — foram à cidade proceder à venda da pasta. É uma velha tradição que se mantém com a amizade de sempre! Os nossos rapazes são cumalades de amor e carinho pelos estudantes e pelos portuenses.

HORAS DE ESTUDO — O cumprimento de horários, em nossa Casa,

é um dos maiores problemas da nossa vida.

Agora que, para muitos, as aulas estão no ponto mais difícil é a altura ideal de todos se dedicarem um pouco mais ao estudo. Às vezes, são os mais necessitados que tentam fazer-se esquecidos e não aparecem ao estudo, até por causa de alguns programas de televisão...

Pois o problema era fácil de resolver se cada um pensasse um pouco no dia de amanhã, reconhecendo que todas as horas de estudo perdidas lhes fazem falta para terminar certas disciplinas.

Todos reconheçam que os dias que passam já não voltam. É melhor aproveitar hoje, pois nós nada sabemos o que nos espera o dia de amanhã.

VISITAS — Nós devemos reflectir nos problemas familiares, pensar um pouco sobre a vida dos Outros. Um dia destes sai com o sr. Padre Telmo, desconhecendo o destino e o significado da deslocação.

Assim passámos vários quilómetros e eu cada vez mais pensativo. Desviámo-nos para os lados de Famalicão e Braga. Ao chegar a uma aldeia perto de Famalicão senti a grandeza da nossa viagem, tantas vezes trilhada por Pai Américo: a visita às casas dos Pobres. Sofremos a chuva e o frio, mas a nossa alegria superou tudo.

Ao chegarmos à casa do primeiro visitado, ele mostra um olhar amargurado e triste pela vida do dia-a-dia; dificuldades que, por vezes, são uma consequência deste mundo corrupto, que cada vez ameaça mais os homens de amanhã. Por isso, que será de todos nós daqui a alguns anos, se agora a miséria nos faz sofrer tanto?

A viagem continuou. E as visitas aos Pobres não pararam. Todo o nosso desejo era dar alegria e conforto aos mais necessitados. Depois seguimos para a Alijó. Toda a viagem era um encanto pelo belo aspecto do Marão. Mas o que existe por trás desses montes e por toda a parte, é triste; por vezes apetece chorar e não descrever tudo o que o coração sente. Mas, no fim da nossa visita, os olhares transformam-se e a alegria daquele momento dá-nos a força necessária para aliviar aquilo que o nosso coração sente.

Assim foi a nossa viagem por estradas do Minho a Trás-os-Montes. Esperamos que todas as pessoas que visitámos tenham ficado com um pouco mais de alegria e amor, para poderem encarar com melhores olhos o dia de amanhã.

Enquanto há vida há esperança!

Carlos Alberto

Miranda do Corvo

FESTAS — Começou a romaria das nossas Festas. A primeira foi aqui, em Miranda do Corvo. Começamos sempre pela terra que nos conhece melhor e onde fica o nosso ninho.

O dia da Festa estava chuvoso, como tantos outros têm estado nesta Primavera. Nós tínhamos receio que o salão dos bombeiros não se enchesse, pois a chuva caía em abundância,

horas antes de a Festa começar.

Estávamos preocupados, não só por causa da chuva, mas, também, por ser a primeira Festa deste ano. Todos os anos as pessoas têm gostado, mas em cada ano permanece a incógnita, antes das Festas começarem, de qual seria a reacção do público: se gostariam ou desgostariam.

Este ano não teve que se invejar dos outros: o público gostou, a chuva momentos antes cessara de cair e a sala encheu-se e a Festa foi mais festa porque todos dela participámos: as pessoas e nós.

Já todos andávamos fatigados com os sucessivos ensaios, e esperávamos ansiosamente o dia da primeira, com a amizade do público que connosco partilhou a sua alegria. Foram muitos os aplausos; não foi menor a boa disposição que reinou na sala durante cerca de duas horas.

No fim da Festa tinha começado a chover, mas a chuva não chegava a arrefecer o calor de toda aquela alegria que sentíamos. Para alguns prolongou-se em nossa Casa com um banquete partilhado por aqueles que nos ajudaram e nos cederam a sala onde actuámos. Embora já fosse muito tarde, a ninguém apeteceu ir para a cama.

Os do Lar de Coimbra ainda foram para lá depois do banquete, pois tinham aulas logo de manhã.

Foi a primeira, mas outras virão. Esperemos que sejamos bem sucedidos.

Chiquito-Zé

Lar de Coimbra

FESTAS — Não poderíamos deixar de dar, também, um apontamento sobre as duas Festas que realizámos aqui, em Coimbra, no Teatro Avenida.

Como sempre, sala cheia à tarde e até alguns ficaram de pé! À noite esteve um pouco menos cheia, mas mesmo assim o público não foi menos acolhedor.

Muito antes do começo já um monte de gente esperava cá fora, ou formava bicha para comprar os bilhetes.

Depois, dentro do teatro, os aplausos da assistência renovaram a nossa vontade de continuar.

A atenção geral ia para os «Batatinhas», pois raras são as pessoas insensíveis às crianças, e as crianças gostam de receber mimos e carinho.

No final de uma das Festas uma senhora dizia que o programa estava muito lindo. Pois estava e oxalá sempre esteja. Nós somos sempre bem recebidos neste teatro em Coimbra; neste e nos outros. E não só pelo público, também pelos donos das salas e por todas as pessoas que nos ajudam.

Pela nossa parte fizemos aquilo que pudemos, e o espectáculo correu bem, na generalidade. É possível que tenham havido algumas falhas, mas isso é próprio da natureza humana.

No fim da Festa da tarde fomos jantar ao Lar, que era pequeno para tanta gente, pois os da Casa-mãe também vieram a Coimbra, num au-

tocarro emprestado pela Câmara. Mas lá coubemos todos, um pouco apertados.

No fim da Festa da noite, fomos outra vez para o Lar encerrar o dia alegre que tivemos, com uma ceia ligeira.

Enfim, já foram mais duas — e continuaremos!

Chiquito-Zé

Setúbal

MALES DA RUA — Eu esperava a carreira para Casa. Ali, no centro da cidade, havia uma rua com dois passeios: dum lado, mulheres vendedoras e duas delas engraxavam calçado; do outro, duas delas passeavam para trás e para a frente, debaixo de olhares pecadores e sorrisos, mais piadas apimentadas. Procuravam outro negócio...

Todos atiravam pedras: uns duma maneira, outros doutra. Espezinhadas na valeta, serviam de chacota a quem passava. Nemhum samaritano que pudesse socorrê-las! São da rua. São males da rua. Males que todos nós construímos. Ninguém tenta fazer algo por elas. Também elas, outrora, foram flores! Hoje são objecto de escarvatura...

Nenhum de nós acode! Aqui o nosso maior pecado!

Ernesto Pinto

O nosso Jornal

Muitos leitores correspondem, satisfatoriamente, aos nossos alertas: na correspondência dirigida à Administração de O GALATO já indicam — ou recortam do jornal — o seu nome, número de assinatura e endereço tais quais vão marcados nos exemplares que recebem regularmente!

Um progressozinho que sublinhamos, pois facilita muito a nossa vida — e evita possíveis incómodos aos próprios leitores...

Foi tão longe a amizade e compreensão do assinante 39273, de Viseu, que responde em linguagem poética! Eis a primeira estrofe:

Caríssimo Júlio Mendes,
Recebi o teu recado
Razão porque, apressado,
Vou mandar o endereço
Que vinha no cabeçalho
D'O GALATO, que pretendes
Chegue a nós sem mais tropeço,
Sem vos dar maior trabalho.

Além do mais, que seria do Mundo sem a divina mensagem dos poetas!?

Júlio Mendes



No interior do País, muitos pardeiros insalubres são transformados em moradias condignas — pela heróica acção dos Autoconstrutores.

Autoconstrução

Os centros de decisão nem sempre dão resposta adequada à problemática da Autoconstrução. Desmotivam muitos Autoconstrutores que levantariam a sua habitação — parcial ou totalmente — por suas mãos e d'amigos e familiares.

Em certas regiões do interior do País, a estagnação do déficit habitacional deve-se à Autoconstrução, não sendo por isso mais negra a mancha negra de um milhão de fogos necessários a curto prazo.

Passa agora pelos nossos olhos — que a terra há-de comer — uma local publicada na grande imprensa sobre a acção de uma autarquia, da zona marítima nortenha, que poderia ser imitada no interior do País — com possibilidades de loteamentos a preços mais acessíveis... A vulgarização destas acções na província seria um valioso contributo para os trabalhadores do sector primário (construção civil, agricultura...), que habitam casebres insalubres, e, inclusivé, serviria de travagem ao êxodo rural...

Eis uma parte da notícia: «A Câmara... vai sortear 197 lotes de terreno para Autoconstrução por outros tantos concorrentes admitidos ao concurso após uma selecção que obedeceu a um regulamento escrupuloso por forma a contemplar quem efectivamente precisa de casa.

(...) Este processo culmina, portanto, uma actividade de quase dois anos (foi lançado em 1980) e nele se vê uma forma de resolução do problema habitacional. O despacho final que sancionou a entrada a concurso dos 197 concorrentes, afirma que «se verifica uma adesão da população ao projecto, incluindo cidadãos de outros concelhos que aqui vêm procurar uma solução que lhes parece mais favorável e correcta». Considera, por fim, que a acção seguida até aqui é a mais favorável para a resolução do problema da crise habitacional.»

Só é pena os terrenos serem tão caros!

Há dias, o telefone toca. Era um técnico da construção civil, com folha de serviços no sector público e privado, que tinha acabado de mastigar um Autoconstrução publicado em uma das últimas edições de O GAIATO e não resistiu a desabafar um pouco do que transborda da sua alma, especificamente no que se refere à Autoconstrução: nicas e tricas burocráticas, falta de loteamentos municipais a preços acessíveis, etc., etc.

— Era para escrever, mas não fui capaz! Preferi pegar no telefone...

Um hino à Autoconstrução! E outros considerandos:

— Em tempos fui destacado para um departamento sem ter lá que fazer, com a agra-

vante de porem a meu lado mais alguns técnicos! Inventei serviço: Fui para a rua prospectar terrenos por urbanizar...

Ganha fôlego e prossegue: — A Curia diocesana de... encarregou-me de dar vida a terrenos mortos. Se hoje passar por lá... verá como, sem grande dispêndio, se levantaram tantas moradias em benefício de quem precisava delas!

O tempo, os impulsos telefónicos não continham a sarça ardente, o dinamismo deste cristão do século XX!

— Em serviço de emergência estive numa zona do País... para levantarmos moradias. Seguimos a pista da Autoconstrução. Apesar dos naturais condicionalismos e inconven-

A G O R A

Cont. da 1.ª página

Os funcionários da Caixa Têxtil, todos os meses, a lembrança habitual. Da assinante 12313, 300\$00 para a Autoconstrução. Mais 1.000\$00 da assinante 837. Dum anónimo do Porto, «10.000\$00 para a Autoconstrução, porque me sensibiliza muito essa faceta e uns tijolos podem dar alívio a alguém necessitado». Da assinante 29911, 500\$00 para uma telha. Para a casa «louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo» mais 20.000\$00. De um anónimo «para a irmã do Barredo e quem mais precisar», 50.000\$00. D. Mariana, 500\$00. Mais «50.000\$00 para ajuda de telhados ou outra qualquer parte da casa de algum dos muitos necessitados». Outros 50.000\$00 da assinante 4656 «para minorar o sofrimento de tantos que não têm um tecto para se abrigarem». Assinante 30697 — «uma fatia de um bocado do bolo que minha sogra me deixou». Assinante 8512: «Vão 5.500\$00 que restaram numa construção própria, e por isso gostaria que fosse beneficiar

outros». E «mais uma migalha para a «Casa da Paz», que está em 45.000\$00. Mais 1.000\$00 de J. P. R. A prestação habitual de M. M.-A. L. Gavião (Barreiro): «É com alegria que, renunciando ao meu supérfluo, mando algumas sobras da minha pensão de reforma».

Charneca da Caparica: «Hoje, venho enviar uma migalha que peço utilizem, de preferência, em auxílio de algum Autoconstrutor à beira do desânimo... É tão dura a luta para ter casa própria, num País como o nosso, que devia ter como uma das principais prioridades o apoio à habitação!» E, assim, acaba hoje a procissão.

Entre o «aquí» da mãe viúva e o nosso «agora» — um espaço de altura e céu azul: Espaço para o nosso desprendimento e doação; para a partilha dos bens. Sem gritos de revolta e com amor, podemos pensar, dentro da alegria da nossa casa, naqueles que não a têm; e felizes, pelo calor do pão na nossa mesa, pensarmos naquelas onde ele falta.

Padre Telmo

niências de um ou de outro o certo é que, no conjunto, os apoios e ajudas fornecidos oficialmente, tiveram um excelente resultado. Resolvemos os problemas de muita gente! Como, aliás, podem ser resolvidos, em todo o País, se as autarquias derem — como podem dar... — apoio à Autoconstrução: na urbanização de terrenos, na parte burocrática, técnica, material...

O engenheiro — nosso amigo — esclarece mais:

— Agora sou técnico numa empresa privada. O certo é que, face à carência de habitações, a Autoconstrução não faz concorrência às empresas privadas; por outro lado, na actual conjuntura, movimenta — e pode movimentar ainda

mais — todo o circuito a montante da construção civil...

E remata:

— Na Autoconstrução, em casos aflitivos do ponto de vista técnico e burocrático, não se coíbam de pedir a minha intervenção, os meus préstimos. Estou às vossas ordens — para o que for preciso.

Em suma: Não seria tempo de os homens bons de Portugal abrirem os olhos à Mensagem de Pai Américo — qual Ovo de Colombo! — lançada já na década de 50?! Ele diria, hoje, o que disse ontem: nos domínios da Autoconstrução (subsequente ao Património dos Pobres) o «impossível torna-se realidade»!

Júlio Mendes

Retalhos de vida

Silva



Chamo-me José Manuel Nunes da Silva.

Sou natural do Entroncamento.

A minha mãe deixou-me com os meus irmãos e o meu pai quando eu tinha um ano. Vivi com o meu pai até aos dois anos e depois ele foi-me pôr a umas primas minhas que, por sua vez, me entregaram a uns tios, na Chamusca.

Vivi junto deles até aos 9 anos, mas como eu era um pouco malandrecão, foram-me pôr na Santa Casa da Misericórdia de Santarém onde vivi até aos 12 anos. Foi então que uns outros primos meus me trouxeram para a Casa do Gaiato do Tojal.

Os meus irmãos mais velhos estiveram na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, mas só o Rafael lá continua, pois o Manuel e o João fugiram e andam por lá...

Eu gosto muito de cá estar. Tenho muitos companheiros. De vez em quando os meus primos vêm-me ver. Tenho 13 anos; já estou na idade de compreender as coisas muito bem.

O meu pai já faleceu. Tive um choque muito grande! Agradeço aos que fizeram tudo por mim — a quem eu devo tudo.

Despeço-me, meus queridos leitores, com um grande abraço. Não deixem de comprar o nosso jornal O GAIATO. Adeus!

Silva

Partilhando

● Foi no Lar do Porto, no último fim-de-semana. Ele é um rapaz de que, em tempos, já falei. Tinha sido preso, estava desempregado e não tem família. Naquela altura veio pedir-nos dinheiro. Depois disso, roupa. Agora, pão. Pão? Mostra-me o recibo do ordenado da firma onde trabalha. Era véspera do Dia do Trabalhador! Não lhe pagaram ao fim do mês e estava sem dinheiro — segundo disse. Não sei se era verdade! A verdade é que há firmas que atrasam o pagamento dos ordenados por causa das jogadas bancárias. Estará tudo certo se o trabalhador for sabedor a tempo da data de receber — e compreender... Ele também tem as suas jogadas e contratemplos

ao longo dos dias de cada mês. A boca é um grande contratempo! Por ela, aquele rapaz soube explicar:

— Não peço dinheiro, pois já trabalho; peço comida...

Eis a boca! Sim, levou comida. Dinheiro, não. Ele tem razão. O dinheiro ganho pelo trabalho sabe e faz bem. Como o fruto e o adubo são para a árvore... De outra maneira, é ou poderá vir a ser mal.

Por isso, o justo salário é sempre fonte de riqueza para todos. Motiva, produz e equilibra a balança. Onde não há justiça, há desequilíbrios... Há fome de pão e de justiça!...

Cont. da 4.ª página

SETÚBAL

● A casa três, reconstruída no lugar da camarata dos treze, para rapazes com a idade compreendida entre os 13 e os 15 anos, foi inaugurada pelos seus vinte e cinco ocupantes na festa da Páscoa. Foi o seu presente pascal!...

Retirados das últimas camaratas, grandes e desaconchegadas, para a sua casinha de quartos alcatifados, com o seu sótão de estudo, sala de convívio, escadas rústicas e bonitas, o amplo balneário, a rouparia e o corredor de madeira exótica, exultaram de alegria e todos nós partilhamos dela!...

Na previsão inicial a casa três devia ter sido entregue aos seus moradores no fim de Setembro passado. Doenças dos mais responsáveis não permitiram e planeámos para o Natal. Imprevistas dificuldades fizeram-nos pensar na Páscoa. Vi jeitos de nem na Páscoa atingirmos a meta.

Entregar uma obra a um empreiteiro é fácil. Fazê-la dia-

-a-dia, com os rapazes — e as suas dificuldades — e construir ao mesmo tempo os construtores, é um pouco mais exigente! Mas é assim o nosso lema: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. E não queremos outro. Acharmos que isto é o melhor para eles e para nós, embora se torne o mais difícil para todos.

O casarão fica assim dividido em quatro casas próprias e ambiente adequado.

Em 1980, nas bodas de prata desta Casa do Gaiato — como estarão lembrados — demos aos mais pequenos a casa um. No Natal de 81, a casa dois aos maiores; e, na Páscoa de 83, a casa três aos adolescentes. Iremos agora começar a reconstrução da casa quatro para podermos acudir a mais rapazes e ficarmos menos apertados.

A casa três está um mimo! O engenho e o gosto do nosso Arquitecto leva-nos a conseguir obra bela com os mate-

riais rejeitados pelos outros. Também na obra humana se passa do mesmo modo. Rejeitados dos homens, tantos dos nossos se fazem obras belas e dignas, capazes de ombrear com os filhos das melhores famílias. «A Pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular!»...

● Quis pôr-lhes na sala uma televisão a cores. Tinha de ser. A casa um e a casa dois estavam assim equipadas. Era impossível dar a estes uma a preto e branco.

Com os meus botões pensei: Não escrevo no jornal. Vou pedir a fulano. É um senhor rico. Há anos disse-me que lhe aparecesse. Vou lá e peço-lhe, recogitei.

Fui. Mostrei-lhe a factura e falei humildemente...

— Dê-me uma televisão a cores para os meus, de uma casa nova.

— Uhl... Ande lá.

— É muito dinheiro...

Estava um dia de chuva e, naturalmente, o tempo influencia o ânimo das pessoas.

— Dou-lhe vinte contos.

Depois mandou escrever vinte e cinco.

A gente aceita o que nos dão. Mas eu gostava tanto que aquele senhor tivesse um rasgo maior! Era tão bonito!... E... para que quer ele a fortuna?!...

Vim pedir a Deus que enchesse de mais luz o seu coração.

Ontem veio uma viúva pobre. O seu marido faleceu há dois anos, a 30 de Abril. Quis comemorar esta data pondo-me na mão 25 contos!

É tão belo experimentar o Reino de Deus!... E verificar, experimentalmente, a exactidão do Evangelho!...

● Pela Páscoa, a Néné não nos esqueceu, apesar de doente, e a assinante 18235 pediu que registássemos no jornal a sua dádiva de cinco contos, por aumento do seu ordenado «e mais uns pòzinhos».

● Informaram-me que o pai-deiro da Casa faz, em cada fornada, um pão para oferecer ao sapateiro, exigindo, em troca, que este lhe engraxe as botas para ele ir brilhante à Telescola.

A padaria é, há dois anos, um quebra-cabeças. Com o Octávio tudo correu bem. Com o Alberto, de vez em quando, há tribunal.

É proibido «a qualquer pessoa estranha ao serviço» entrar na padaria. Mas, quem resiste? O pão quentinho amassado a tempo e cozido a lenha é tão saboroso! E, se for um pãozinho mais pequenino recheado de toucinho e de chouriço roubados da despensa?

Há dias, a D. Teresa teve o azar de ir à padaria e levar, sem querer, para o Lar, um desses pães «armadilhados».

Não há porta nem fechadura que resistam na padaria! Umhas vezes perdem-se as chaves, outras aparece a porta arromba-

da e «já foi há muito tempo». Eu também desanimo. Há muito que a porta está arrombada. Que hei-de fazer? A força do pão é das mais violentas.

Estás a ver Alberto, como eu sei tudo!... Saberei?

Vê lá João Paulo, se me engraxas também os meus sapatos. Olha que há mais de quinze dias que não vêm pomada.

Estão a ver os senhores como a **corrupção** entrou em nossas Casas?

Ela é moeda corrente. A todos os níveis. Desgraçadamente quase entrou na normalidade. Confidenciava-me um engenheiro, há pouco tempo, de

que, na empresa, chamavam a um director «o três e meio por cento». É que nas compras ao estrangeiro — e foram largos milhões de contos — ele arrecadou do seu valor, em luvas, 3,5 por cento depositados na Suíça.

Um outro se queixou que para se ver livre de uma multa tivera de dar aos agentes oito mil escudos!...

Ora vejam lá se o Alberto e o João Paulo não devem ser chamados à ordem — e corrigido o seu provocador?

Quando forem homens lembrar-se-ão da história da graxa pelo pãozinho...

Padre Acílio

Notas do Tempo

Cont. na 1.ª página

alguma vez se encontraram... Nem foi preciso. A Obra da Rua é lugar de encontro. O ideal das Bemaventuranças, ponto de sintonia. Padre Farinha, como Pai Américo, é um enamorado da Santa Pobreza em cuja fecundidade cre com todas as forças da sua alma. Será por isso que tanto nos ama, que tanto nos sacrifica. Tanto que — segundo o revelou na celebração dos seus cem anos — só tem uma ambição: viver mais o necessário para concluir um trabalho sobre a Obra de Pai Américo que vem escrevendo desde há alguns meses.

Deus guarde o sr. Padre Farinha quanto Ele quiser, assim na posse plena das suas faculdades. Vê-lo, ouvi-lo — é um sopro de Vida que nos reanima nos nossos cansaços. Mas cá ou Lá, ele é sempre uma acção que o mundo não tem o poder de desvalorizar e contribui para nos alcançar de Deus o aval de moeda forte, apesar das contradições do tempo e das nossas próprias misérias.

● Dias após o centenário referido, a Liturgia das Horas ofereceu-nos um trecho de

S. Agostinho que traça o perfil dos resistentes ao desgaste da vida, os que permanecem até ao fim em juventude de alma, mesmo que o fim demore para além de um século. Estes são os que se deixam amar por Deus e assim se tornam capazes de amá-lo. São os que aprenderam a amar a Vida Nova que Cristo nos legou ao ressuscitar e, aderindo a ela, se tornaram homens novos, parceiros da Nova Aliança, realizadores do Mandamento Novo. São os que aceitaram o repto — «cantar ao Senhor um cântico novo» — sem receio de esgotar a novidade do canto porque escolheram viver o testemunho do que a língua canta e não procuram fora de si o louvor a cantar, sabendo que, se amam, é que possuem Deus e o louvor a cantar é o próprio cantor no esforço de viver conforme Aquele que possui.

O homem novo! Cem anos — mil que fossem! — não lhe diminuem a novidade. Assim se compreende a perene sedução dos Santos. Heróis, sábios, artistas... ficam na História como relíquias do passado. Os Santos, na linha do seu carisma, são sempre novidade.

Padre Carlos

Partilhando

Cont. da 3.ª página

● Alguns dos nossos mais pequenos foram ao Porto, acompanhar os Estudantes num programa da Queima das Fitas que reverte a nosso favor. Eles deliram com o passeio e com os Estudantes. E vice versa. Dizia-nos uma delas: «Se não fossem eles ninguém nos dava nada!»

Eles é que são a razão de ser da nossa Obra. Para eles é que vem o dar de tanta gente. E por eles tudo vale a pena — até o destino da vida. O Toni, um dos gémeos «Batatinhas», perguntou-nos mais do que uma vez: — «Para o ano, eu ainda venho outra vez...?»

No regresso, a carrinha cheia de balões, cantavam vivas ao Gaiato e F R A S. Bonito!...

Padre Moura



Tiragem média por edição no mês de Abril: 49.280 exemplares.

FESTAS

No Centro do País já começámos; e começámos no ninho: Miranda do Corvo e Coimbra. Foram salas escaldantes. No fim as pessoas queriam mais e ficaram sentadas. Risos e lágrimas de alegria. Convívio-festa de família.

Vamos continuar:

14 de Maio, às 21.30
Salão da Escola Preparatória — CANTANHEDE

15 de Maio, às 15.30
Cinema do Casino — FIGUEIRA DA FOZ

19 de Maio, às 21.30
Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA

21 de Maio, às 21.30
Casa do Povo — MIRA

22 de Maio, às 15.30
PRAIA DE MIRA

27 de Maio, às 21.30
Cine Teatro — TOMAR

29 de Maio, às 15.30
Teatro Alves Coelho — ARGANIL

3 de Junho, às 21.30
Cine Império — LOUSÃ

10 de Junho, às 21.30
Cinema Messias — MEALHADA

11 de Junho, às 21.30
Teatro de Anadia — ANADIA

Padre Horácio

E na zona Sul do País vamos arrancar:

14 de Maio, às 21.30
Sociedade da QUINTA DO ANJO

22 de Maio, às 21.30
Sociedade Filarmónica OS LOUREIROS
PALMELA

27 de Maio, às 21.30
Teatro Luisa Tody
SETÚBAL